Letras

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

n. 74

Letras, v. 74, n. 01, p. 01-18, e95240, 2026 - DOI:10.5902/217618595240 - ISSN 2176-1485
Submissão: 02/09/2026 Aprovação: 08/10/2026 Publicação: 30/10/2026

Edição especial

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

Critérios de análise de histórias em quadrinhos a partir de perspectivas de gênero

Criteria for analyzing comic books from a gender perspective

Daniela dos Santos Domingues Marino[I*]

Resumo: Recorte de minha tese de doutorado que parte da noção de que as histórias em quadrinhos constituem um campo de produção artística autônoma e que a crítica especializada representa um espaço de legitimação dessa produção, este artigo busca atender a chamada deste dossiê e apresentar critérios de análise de histórias em quadrinhos que contemplem a diversidade de gênero e de narrativas existentes atualmente neste universo, especialmente quando se trata de obras autorais e/ou independentes. A proposta visa complementar outras metodologias contumazes em diversas áreas do conhecimento, evidenciando a vocação transdisciplinar dos estudos acadêmicos de histórias em quadrinhos por meio da articulação de autores dos estudos culturais, estudos de gênero, crítica cultural e decolonialismo.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Crítica cultural; Estudos de gênero

Abstract: Starting from the notion that comic books constitute an autonomous field of artistic production and that specialized criticism represents a space for legitimizing this production, this article seeks to respond to the call of this dossier and present criteria for analyzing comic books that contemplate the diversity of genres and narratives currently existing in this universe, especially when it comes to authorial and/or independent works. The proposal aims to complement other common methodologies in various areas of knowledge, highlighting the transdisciplinary vocation of academic studies of comic books through the articulation of authors from cultural studies, gender studies, cultural criticism, and decolonialism.

Keywords: Comic books; Cultural criticism; Gender studies

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos constituem um campo em que relações de poder estruturam não apenas os espaços de produção e circulação das obras, mas também os próprios critérios adotados por quem as avalia (Carvalho, 2013; Carvalho, 2017). Historicamente, um olhar

[I] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
[*] Autor correspondente – dsdomingues@hotmail.com

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

hegemônico enraizado numa cultura machista e colonial tem determinado quais histórias são legitimadas, quais autoras recebem reconhecimento e quais narrativas são consagradas como universais. Esse mesmo filtro que restringiu a presença de mulheres na cena dos quadrinhos também orienta, até hoje, a maneira como suas produções são lidas, hierarquizadas e avaliadas em instâncias especializadas (Eugênio, 2017; Crescêncio, 2019; Lage, 2022).

A constatação de que mulheres produzem obras sofisticadas, frequentemente acompanhada de tons de surpresa, revela a naturalização de parâmetros que tomam o masculino como medida de valor (Eugênio, 2017): enquanto obras de autores homens cis recebem elogios evidenciados por meio de muitos adjetivos positivos, várias criações femininas são marcadas por uma condescendência implícita, como se sua excelência fosse excepcional ao invés de ser norma (Camargo, 2019; Lage, 2022). Essa constatação apontada por Camargo e Lage pode ser ilustrada a partir de comparações entre críticas feitas aos quadrinhos de Liv Stromqüist e outras obras analisadas a partir do viés do binarismo sugerido por Olson (2010). Nessa perspectiva, Olson recorre à Spivak ("Pode o subalterno falar?", 2010) para caracterizar os "antagonismos" como dicotomias binárias que intensificam uma polarização prejudicial aos marginalizados, propondo, assim, uma desconstrução de textos que utilizam o masculino universal com o objetivo de mitigar o viés de gênero.

Por exemplo: a análise de 38 resenhas sobre os dois quadrinhos da autora sueca Liv Strömquist[1], lançados no Brasil pelo selo Quadrinhos na Cia, da Companhia das Letras, em vídeos e diversos sites, revelou que a maioria dos portais especializados em histórias em quadrinhos nacionais não cobriu as obras, incluindo aqueles dedicados à produção feminina. Essa função coube principalmente a canais de crítica literária de perfil majoritariamente feminino, enquanto no exterior, boa parte das resenhas veio de colunas em jornais de ampla circulação, redigidas por autores homens e mulheres. Alguns canais brasileiros com maior audiência replicaram declarações depreciativas sobre feminismo e temas de gênero, baseadas apenas no senso comum, o que corrobora as reflexões dos teóricos citados na pesquisa e perpetua estereótipos de gênero. Dentre os sites nacionais de literatura que mencionaram os quadrinhos de Liv Strömquist, nenhum apresentou uma avaliação crítica das obras, conectando-as a um repertório teórico prévio ou às ideias da quadrinista, que é socióloga, cujas produções são densas, com alusões a filósofos, sociólogos e outros intelectuais, abrindo espaço para discussões amplas. Em vez disso, limitaram-se a sinopses e comunicados de imprensa, sem aprofundamento ou ligações com outros materiais. A partir do terceiro quadrinho da autora editado no Brasil, a estratégia de divulgação começou a incluir indivíduos ligados ao cenário dos quadrinhos locais (Marino, 2025).

Destarte, o procedimento de reversão desse binarismo encontrado em produções diversas, se inicia com sua detecção em discursos específicos, prossegue com o questionamento dos termos que impõem o masculino como universal nessas produções e culmina na substituição por expressões neutras ou femininas. O propósito dessa estratégia é sensibilizar para padrões

[1] Texto para o site Mina de HQ: https://minadehq.com.br/ensaio-em-quadrinhos-liv-stromquist/. Acesso em: 16 abr. 2026.

consolidados como normas na produção científica e acadêmica, os quais contribuem para forjar uma visão de mundo que naturaliza a exclusão de metade da população global dos registros e documentos. No que concerne a crítica especializada de histórias em quadrinhos, prática de um campo que se caracteriza como um microcosmo social e cultural, as mesmas tendências que pude observar na literatura, artes visuais e cinema, se reproduzem nos quadrinhos. Diante desse cenário, torna-se urgente construir metodologias de leitura e análise que privilegiem sistematicamente a dimensão de gênero, articulando-a com outros marcadores sociais como raça, classe e sexualidade, e que tensionem os filtros que naturalizam exclusões.

Portanto, o presente artigo busca deslocar a crítica de HQs de um paradigma centrado quase exclusivamente em forma, técnica narrativa e "qualidade técnica", frequentemente definidos a partir de um cânone majoritariamente masculino, para um modelo que articule esses elementos tradicionais às questões de representatividade, autoria diversa e efeitos sociais das obras. Reconhece-se, portanto, que a crítica não é exercício neutro: ela define o que é relevante, quem merece legitimação e quais narrativas serão consideradas significativas para a cultura.

1 O *MALE GAZE* NOS QUADRINHOS

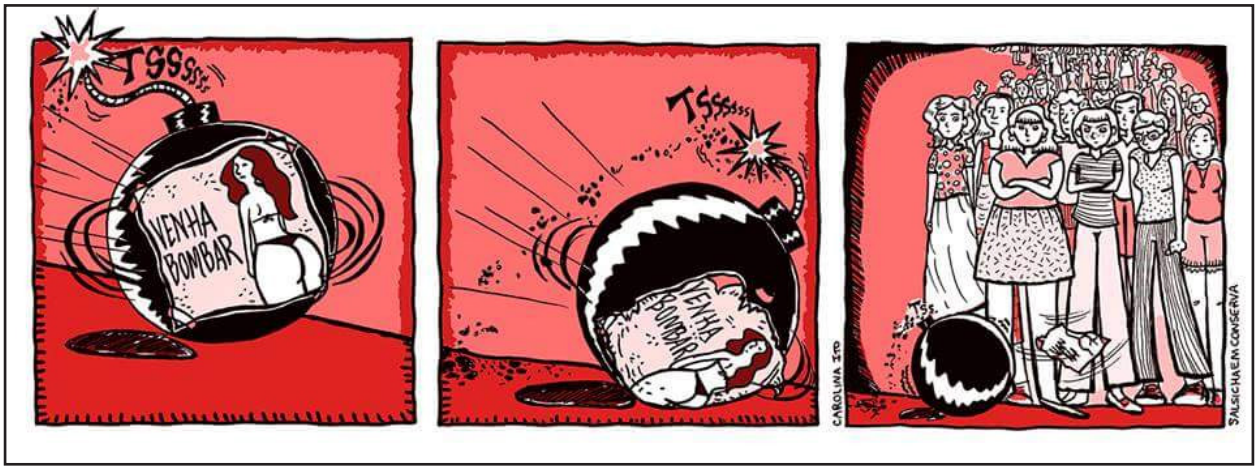
A urgência em pensar criticamente a dimensão de gênero nos quadrinhos não é fenômeno recente, mas ganhou especial relevância no contexto contemporâneo brasileiro, onde desigualdades estruturais persistem tanto na autoria quanto na recepção das obras. A trajetória de pesquisadores e pesquisadoras que se debruçaram sobre este campo revela que o incômodo frente às hierarquias no meio dos quadrinhos frequentemente origina-se de experiências pessoais de exclusão e invisibilização, especialmente a partir da transposição do conceito de *male gaze*, da crítica cinematográfica para a crítica de quadrinhos.

Mulvey (1989) recorre à psicanálise para estabelecer que as produções cinematográficas tinham como espectador ideal os homens cis heterossexuais e que seu olhar em relação às personagens femininas era predador e *voyeur*. Ainda que essa seja uma grande redução do conceito original, o *male gaze* fornece uma lente pela qual é possível também compreender como o machismo opera no campo dos quadrinhos a partir da observação de sua incidência nos eventos e publicações.

A controvérsia envolvendo o Troféu HQMIX de 2024, principal premiação de quadrinhos no Brasil, ilustra de modo paradigmático as dinâmicas de poder em disputa. Nesse episódio, unicamente as juradas mulheres tiveram sua imparcialidade questionada publicamente, por meio de vídeos e postagens em canais especializados, como se eventuais proximidades com indicados configurassem um problema de maior gravidade no caso delas em comparação aos jurados homens. Ademais, circularam desinformações em veículos de cultura pop, com acusações à organização de favorecimento a mulheres e ataques às juradas em registros etaristas e misóginos, conforme

documentado em minha tese de doutorado, por meio de links e reproduções de comentários oriundos de tais publicações. Tais práticas reforçam a perspectiva de Bourdieu (2006) a respeito de como os agentes de maior capital em um campo, seja ele de ordem material ou simbólica, teriam poder para influenciar a visão de mundo dos demais participantes, promovendo alterações nas categorias de percepção dos indivíduos com os quais compartilham valores, no entanto, eles também seriam os menos inclinados a fazê-lo. Anteriormente a esses eventos, é possível citar outros dois momentos, entre incontáveis episódios de machismo aos quais as quadrinistas costumam ser constantemente expostas, e que também estão registrados em pesquisas acadêmicas que buscam articular bibliografia relacionada às questões de gênero e feminismo (Eugênio, 2017; Messias, 2018; Lage, 2022), no intuito de garantir a existência desses relatos de maneira academicamente válida, e não apenas como "boatos de bastidores", além de buscar meios de compreendê-los e evitar que se repitam. Em 2015, a campanha de divulgação do HQMIX, gerou repercussão negativa nos veículos especializados e revolta entre as mulheres quadrinistas (Figura 1) por seu apelo extremamente machista que trazia em uma das peças de divulgação uma mulher de costas, vestindo um biquini com os dizeres "venha bombar"[2] ; e a exposição *Quadrinhos*, sediada no museu da imagem e do som de São Paulo (MIS) em 2018, que apesar de se apresentar como um panorama da produção mundial de quadrinhos, não trazia quase nenhuma mulher em sua coleção, chamando a atenção de artistas femininas de todo país e gerando uma ação coletiva realizada por quadrinistas de São Paulo, que contou com o apoio de jornalistas e pesquisadoras como Gabriela Borges, editora do site Mina de HQ[3] e Luiza Vilela, do Brasil de Fato[4].

Figura 1 – Crítica à campanha do HQMIX de 2015, de Carol Ito



Fonte: Eugênio, 2017

[2] Polêmica do HQMIX 2015: https://universohq.com/noticias/pela-primeira-vez-trofeu-hq-mix-sera-entregue-em-meio-a-uma-polemica/ e pedido de desculpa: https://vitralizado.com/hq/a-cagada-epica-do-hqmix/. Acesso em: 16 abr. 2006.
[3] Site brasileiro produzido por mulheres cis e dedicado a divulgar quadrinhos produzidos por mulheres cis, pessoas trans e pessoas não-binárias: Mina de HQ - Histórias em quadrinhos mais diversas Acesso em: 25 jan. 2026.
[4] Megaexposiçao de quadrinhos exclui mulheres importantes da história das HQs: Megaexposição "Quadrinhos", no MIS, exclui mulheres importantes da história das HQs - Brasil de Fato Acesso em: 26 jan. 2026.

Nessa ação, as artistas publicaram a *hashtag* #cadêasminasnomis em suas redes sociais e promoveram incursões semanais às terças-feiras, quando o ingresso era gratuito, para "plantar" alguns de seus quadrinhos, além de pequenos cartazes inspirados pelas ações do coletivo feminista Guerrilla Girls (Marino, 2025). Diante do exposto, o tom de denúncia desta primeira seção se justifica à medida que ilustra como o machismo representa um fator estruturante não apenas da sociedade, como de todas as esferas da produção humana: da biologia e medicina (Perez, 2022; Bohannon, 2024) à ciência de dados, artes e literatura (Dalcastagnè, 2002; Perez, 2022; Sieghart, 2022), ou seja, não seria diferente nos quadrinhos (Oliveira, 2007; Boff, 2014; Crescêncio, 2019; Lage, 2022).

Portanto, se o machismo é um fator estruturante do campo dos quadrinhos que engendra consequências nocivas às mulheres, sejam elas artistas, editoras, pesquisadoras ou jornalistas, deveria ser do interesse dos participantes de todos os gêneros que um problema comum fosse combatido, afinal, "assumir que os envolvidos nos problemas também possuem soluções nos leva a equilibrar as formas de escutar, responder e enfrentar no diálogo os problemas que ameaçam a vida social" (Berkin, 2020, p. 11), no entanto, esse papel tem sido desempenhado majoritariamente por mulheres, mesmo em áreas acadêmicas em que elas representam parte significativa dos integrantes, como ocorre com as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos:

> as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos se estabelecem como um espaço receptivo e acolhedor a estas acadêmicas e suas pesquisas? Mostrei que estes trabalhos e campo epistemológico de investigação existem, e em número consideravelmente crescente, ouso afirmar. Mas se elas não estão no evento que se diz o maior do país sobre a temática, onde elas estão? Em eventos de feminismos, gênero e das áreas de estudo das pesquisadoras? Parece-me que sim (Lage, 2022, p. 81).

O que Lage (2022) pontua sobre o evento ilustra algumas constatações resultantes da observação do que tem ocorrido com a produção de estudos relacionados a questões de gênero e histórias em quadrinhos em espaços de legitimação dessa produção, como periódicos: Embora artigos que articulem feminismo e teoria queer nos quadrinhos tenham sido publicados em coletâneas como *Representações do feminino nas histórias em quadrinhos* (Braga Júnior; Silva, 2015) de forma recorrente há mais de uma década por integrantes da ASPAS, o mesmo não ocorre com os livros divulgados e produzidos pela organização das Jornadas Internacionais.

Esse apontamento, embora não esteja academicamente situado, parte da minha experiência profissional como parecerista em periódico de quadrinhos e questões de gênero ao observar a recorrência de autores publicados durante as Jornadas Internacionais nas referências bibliográficas de artigos submetidos a esses periódicos. Essa recorrência evidencia que, embora os autores selecionados não tenham qualquer relação com os estudos de gênero ou nem

mesmo mencionem quadrinhos produzidos por mulheres e seus livros, integram quadros referenciais teóricos após circularem nos espaços de legitimação da produção acadêmica sobre quadrinhos, como é o caso das Jornadas, enquanto os artigos, teses e livros publicados por especialistas em temas como feminismo e teoria *queer* são omitidos.

2 O PAPEL DA CRÍTICA

Afirmar que o machismo seja um fator estruturante da sociedade (macrocosmo) e das demais esferas que ela abarca (microcosmos) significa reconhecê-lo, também, como elemento presente na confecção de críticas culturais, incluindo as críticas e resenhas de veículos especializados em histórias em quadrinhos. Isso porque a percepção de que as histórias em quadrinhos constituiriam um campo de produção artística autônomo se fundamenta na proposta de Carvalho (2013) que entende a crítica como um dos indicativos da formação desse campo, além de representar um importante espaço de legitimação das produções (Bourdieu, 1992, 2017).

Assim, a partir de uma retomada histórica da crítica cultural como categoria moderna por meio da articulação de autores como Eagleton (1991), Bourdieu (1992, 2017), Coelho (2006), Carneiro (2013) e Zeni (2021), compreendemos como a crítica, originalmente concebida como mediação racional na esfera pública, passa a operar, no campo dos quadrinhos no Brasil, como um espaço atravessado por relações de poder, mercado, capital simbólico e marcadores sociais como gênero, classe e raça.

Desde sua gênese, a crítica foi associada à autoridade intelectual e ao jornalismo como espaço institucional de mediação cultural (Almeida, 2009). Eagleton (1991), ao recorrer a Habermas, destaca a noção de "esfera pública burguesa" como ambiente de debate racional, no qual a crítica teria a função de promover o intercâmbio de ideias entre leitores e produtores culturais. No entanto, o próprio texto demonstra que essa concepção idealizada ignora as subjetividades e exclusões históricas que estruturam essa esfera. A produção crítica do século XVIII, celebrada por Eagleton a partir de periódicos como *Tatler e Spectator*, consolidou padrões de gosto, linguagem e legitimidade que tomavam o masculino como universal, desconsiderando a participação feminina na vida pública e cultural.

Essa herança repercute diretamente na forma como a crítica ainda opera hoje. A crença na neutralidade, racionalidade e imparcialidade do crítico, apontada por Eagleton como virtude, pode ser problematizada a partir de Perez (2022) e Erik-Mai (2016), que indicam como a noção de neutralidade encerra o debate e naturaliza apagamentos. Quando determinados autores são celebrados como modelos de racionalidade, a ausência de mulheres e de determinadas narrativas em suas análises passa a ser percebida como algo natural, correto e legítimo. O apagamento constante de produções femininas, portanto, não é explícito, mas estrutural, e

produz efeitos diretos na memória cultural e na participação desses sujeitos na esfera pública.

Coelho (2006) contribui para essa reflexão ao identificar características recorrentes da crítica brasileira: o uso de critérios fixos e anteriores à obra, a ideia de decadência cultural e a postura do crítico como fiscal, médico e promotor de justiça. Essa postura transforma a crítica em um espaço de julgamento moralizante, no qual o crítico se coloca como representante do "homem comum" supostamente enganado pelo artista. Esse modelo, quando aplicado a produções que não foram concebidas segundo os critérios que privilegiam a produção masculina, resulta em avaliações desproporcionais e frequentemente pejorativas em relação às obras produzidas por mulheres.

Ao trazer essa discussão para o campo dos quadrinhos no Brasil, pude demonstrar que essas estruturas teóricas se materializam em práticas concretas. A crítica de quadrinhos, produzida por jornalistas, pesquisadores, fãs e colecionadores em sites, podcasts, vídeos e redes sociais, sofre diretamente com a falta de profissionalização e a ausência de critérios técnicos consolidados para análise dessa linguagem específica. Diferentemente da literatura e do cinema, não há cursos de graduação voltados exclusivamente para quadrinhos, ou seja, não temos protocolos de leitura da linguagem gráfica (Carneiro, 2013). Nesse sentido, Maria Clara Carneiro (2013) destaca que toda linguagem (seja ela pintura renascentista, a álgebra linear ou o conjunto de regras que definem o que é futebol) possui códigos que demandam certas ferramentas de leitura para aprofundar o conhecimento do leitor sobre uma obra, e o domínio destas ferramentas seria prerrogativa do leitor especializado, como se espera que o crítico seja. No entanto, ao exaltar de forma exacerbada alguns trabalhos ou agir com desdém em relação a outros, o crítico estaria alimentando apenas um tipo de público, o que para Carneiro, seria insuficiente por não relacionar o objeto nem a outras linguagem e repertórios, nem ao mundo, ou seja, o discurso do crítico se resumiria em tentar convencer a todos de que (determinados) quadrinhos teriam mais valor que outros, o que culminaria em uma prática totalizante.

Zeni (2021), por sua vez, ressalta que a própria definição de crítica no campo dos quadrinhos é difusa, em parte devido à proliferação de produtores de conteúdo digital e à reconfiguração dos circuitos de mediação cultural. Qualquer pessoa pode se tornar produtora de conteúdo, mas isso não significa que haja aprofundamento analítico.

Além disso, o mercado (ou cena, como define Zeni) exerce papel determinante na circulação das obras e na própria crítica. Segundo Zeni (2021), a escolha de quem recebe quadrinhos para resenhar está diretamente ligada à repercussão que esse canal pode gerar, pois falar de um produto aumenta seu potencial de venda. O exemplo do programa UHQ Resenha[5] mostra como recomendações críticas impactam diretamente o consumo, evidenciando a articulação entre crítica e marketing cultural.

É nesse ponto que as contribuições de Bourdieu (1992, 2017) se tornam centrais: O capital

[5] Iniciativa dos integrantes do site Universo HQ durante a pandemia de Covid-19- Universo HQ em Resenha - YouTube. Acesso em: 26 jan. 2026.

simbólico acumulado por determinados canais e críticos não pode ser dissociado do capital econômico e das condições materiais necessárias para que alguém se torne referência no campo. Colecionar quadrinhos, produzir conteúdo regularmente e adquirir reconhecimento são práticas atravessadas por recortes de classe. Ao analisar os principais canais brasileiros (*Universo HQ, 2 Quadrinhos, Fora do Plástico, Central HQs)*, o perfil recorrente de seus integrantes é de homens cis, brancos, heterossexuais, das regiões Sul e Sudeste, com forte inserção no mercado editorial e em eventos do setor.

Esse recorte social nos ajuda a compreender como o machismo se manifesta na crítica de quadrinhos, ainda que de maneira implícita e, em grande parte das vezes, não intencionalmente. A preferência por determinados artistas, temas e abordagens não é declarada como preconceito, mas reproduz tendências do macrocosmo social. Os agentes com maior poder simbólico são os menos inclinados a transformar as estruturas do campo, mesmo quando demonstram interesse em divulgar produções femininas, pois operam dentro de uma estrutura social sexista que molda suas percepções e escolhas.

Para Becker (2009), isso significa que as manifestações culturais constituem representações sociais estruturadas segundo determinados parâmetros que revelam aspectos da vida coletiva e, para que possam ser compreendidas, é necessário que criadores e receptores dessas produções estabeleçam, ainda que de forma implícita na maioria das vezes, quais são os códigos nelas presentes, pois são eles que permitem que as obras cumpram adequadamente sua função comunicativa. Em outras palavras: é preciso que esses códigos transmitam ao público o que seus autores pretendiam expressar, dessa forma, tais representações seriam elaboradas de modo padronizado, possibilitando que os usuários as entendam e saibam utilizá-las. No entanto, se alguém passasse a produzir representações de um gênero específico de maneira distinta, rompendo alguns dos acordos existentes e gerando divergências e tensões, isso colocaria em debate padrões antes considerados estáveis. Essa dinâmica entre padronização e inovação evidenciaria, portanto, aspectos essenciais do próprio processo.

Soma-se a essas questões a já mencionada primazia das relações digitais decorrente das constantes transformações tecnológicas (Couldry; Hepp, 2020). Se Eagleton acreditava que a crítica convidava ao debate e à contradição, Han (2016) mostra que as redes sociais reforçam bolhas e visões de mundo, dificultando o diálogo com o diferente. Assim, a crítica, nesse ambiente, tende a reforçar convicções já existentes em vez de tensioná-las.

Por fim, a crítica, que deveria funcionar como mediação qualificada e espaço de ampliação do debate cultural, acaba frequentemente atuando como mecanismo de reprodução de desigualdades, legitimando determinadas obras e silenciando outras, não por critérios explicitamente declarados, mas por estruturas históricas, sociais e simbólicas que moldam quem pode falar, o que é valorizado e o que é esquecido.

3 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

A sofisticação formal e temática que os quadrinhos alcançaram, especialmente a partir da segunda metade do século XX, com transformações que foram além de inovações técnicas para abarcar novos temas e complexidades narrativas, torna insuficiente avaliar as obras apenas através de critérios tradicionais que foram estabelecidos previamente. Para Wolk (2007), o salto narrativo e gráfico que deslocou os quadrinhos de mero entretenimento instantâneo para produções com ambições artísticas e políticas ampliadas exigiu a renovação de parâmetros críticos. Na contemporaneidade, quando quadrinhos com representações de diversidade de gênero e sexualidade operam rupturas comparáveis às inovações anteriores, persiste nas instâncias de legitimação acadêmica sobre quadrinhos uma incapacidade de reconhecer essas transformações através de metodologias adequadas (Marino, 2025).

O descompasso entre o que pode ser observado nos espaços de legitimação acadêmica das pesquisas de quadrinhos no Brasil, como eventos e periódicos especializados, e a produção acadêmica e crítica em língua inglesa se evidencia na publicação de livros como *Critical Approach to comics: Theories and Methods* (Smith; Duncan 2012), *More critical approaches to comics: theories and methods* (Smith; Brown; Duncan 2019), *How to Analyze & Review Comics: A Handbook on Comics Criticism* (Helvie, 2021), todos com capítulos divididos por temas como elementos técnicos que compõe os quadrinhos, aspectos sociais e contexto de produção e entrevistas aprofundadas com artistas, se propondo a serem guias sobre crítica de quadrinhos, incluindo sugestões de métodos para que sejam abordadas questões de gênero, raça e decolonialidade e todos sem previsão de tradução no Brasil.

Outro indicativo de como as questões de gênero não são abordadas com a devida seriedade pela crítica especializada brasileira, salvo as exceções que, apesar de se dedicarem ao tema, não gozam do mesmo potencial de circulação que os demais veículos, é o fato de a crítica trans Andrea Long Chu, cuja produção sobre quadrinhos e literatura para a revista *Vulture e o The New Yorker* é explicitamente marcada por vieses de gênero, ter sido premiada com um Pullitzer na categoria de crítica em 2023 e de outros prêmios e menções por sua produção literária.

Chu (2025) argumenta que toda crítica é inerentemente ideológica e politicamente posicionada, impossível de ser neutra ou desprovida de viés. Como mulher trans, ela legitima essa visão analisando obras com recorte de gênero. Exemplifica com críticos que enaltecem produções alinhadas às suas visões de mundo e depreciam as dissonantes, afirmando que "não há como retirar a política da crítica". Essa perspectiva desafia a noção de imparcialidade, especialmente em análises de obras por mulheres ou minorias.

Chu também questiona a possibilidade de autoridade absoluta na crítica, sugerindo separá-la com um "rodo", pois nenhum crítico é "decididamente certo", afinal, excelência artística não se prova empiricamente. Exige erudição precisa, domínio retórico e capacidade de julgar

e condensar obras sem meras opiniões subjetivas. Historicamente, tal autoridade baseia-se em fé leitora e critérios lógicos (como em Johnson ou Aristóteles), mas estes falham ante a evolução da arte. Assim, a autora sugere conferir autoridade de forma plural e contextual, evitando critérios excludentes que limitem a crítica a lógicas binárias de certo/errado.

Nesse sentido, um dos eixos centrais das novas metodologias sugeridas em outros campos de produção artística, como no cinema e na literatura (Marino, 2025) refere-se à revisão dos esquemas narrativos clássicos usados como padrão universal. Por exemplo, a jornada do herói, popularizada por Joseph Campbell e amplamente difundida em estudos de narrativa (Gomes, 2022; Martinez, Araújo, 2022), foi historicamente tomada como estrutura paradigmática, apesar de originar-se de experiências predominantemente masculinas. Buscas em bases acadêmicas retornam milhares de resultados sobre esse modelo, atestando sua hegemonia inclusive em campos como administração e medicina (Marino, 2025).

Com o avanço dos estudos de gênero, autoras como Maureen Murdock (1990) questionaram a adequação desse modelo para narrativas centradas em personagens femininas. Construído a partir da escuta de pacientes mulheres, o esquema de Murdock problematiza a exigência de que personagens femininas sigam um "caminho" desenhado para homens, abrindo mão de valores e dimensões significativas de si para se adequar a estruturas patriarcais. A jornada da heroína permite duas operações: como ferramenta de criação, ajuda na estruturação de histórias com protagonismo feminino sem forçar personagens a percursos que não fazem sentido para suas experiências; como critério de análise, possibilita observar se a trajetória de protagonistas mulheres foi respeitada em sua especificidade, oferecendo à obra um olhar mais empático, mesmo que tenha sido pensada e articulada a partir de uma teoria centralizada na figura masculina.

Contudo, nem a jornada da heroína, nem testes como Bechdel e Mako Mori, bastariam isoladamente para evidenciar a importância da presença feminina nas narrativas. Essas ferramentas apontam presença ou ausência de índices de representatividade: duas mulheres dialogando entre si, ou personagens com objetivos próprios, mas não aprofundam a posição das personagens em relação aos demais elementos da narrativa, à sociedade ou ao mercado. Portanto, torna-se necessário combiná-las com conceitos que avaliem não apenas se há protagonistas mulheres, mas que tipo de protagonismo lhes é atribuído (Mayer, 2018).

A noção de protagonismo feminino proativo surge como tentativa de responder a essas lacunas (Mayer, 2018). Esse protagonismo considera se as personagens femininas possuem objetivos próprios, independentes de relações com homens ou imposições sociais; se sua sexualidade é apenas uma nuance, e não sua característica definidora; e se suas ações têm impacto efetivo na trama. A distinção entre protagonismo como local de destaque e protagonismo proativo é fundamental, pois a mera centralidade em cena não garante representação alinhada com perspectivas que não sejam depreciativas em relação ao gênero feminino. Boff (2014) demonstrou, por exemplo, que personagens mulheres nas antigas tiras

de família, embora recorrentemente presentes e centrais, eram retratadas como donas de casa caricatas ou matriarcas mandonas ridicularizadas, de modo que o riso funcionaria como correção simbólica de qualquer desvio do papel esperado, ou seja, como uma ferramenta de depreciação de gênero.

Para além dessas estruturas narrativas, a crítica necessita reconhecer e contestar tropos machistas amplamente difundidos, mesmo que grande parte deles não esteja definida academicamente, porém, são amplamente discutidos em páginas e sites de cultura pop produzidos por mulheres (muitas delas, pesquisadoras tituladas também). O tropo "mulheres na geladeira", cunhado por Gail Simone em 19996, designa personagens femininas brutalizadas apenas para motivar desenvolvimento emocional de protagonistas masculinos. Esse tropo incorporou-se inclusive a dicionários de referência, continuando a aparecer em HQs e outras mídias, reforçando uma estrutura narrativa que instrumentaliza a dor das mulheres. Outros tropos problemáticos incluem hipersexualização de personagens femininas, uso frequente de cenas de estupro como recurso dramático e representação de mulheres como "lâmpadas sexy", figuras facilmente substituíveis por objetos decorativos sem perda de coesão narrativa (Marino, 2025).

Assim, os critérios gerais de análise, além de necessários, podem ser complementados por uma série de outros, detalhados em minha tese de doutorado, dependendo do viés e do interesse de cada crítico ou pesquisador, como: observação da forma através de composição de quadros, uso da cor, traço e montagem de página; atenção à linguagem específica dos quadrinhos em recursos como balões, legendas e onomatopeias; coerência narrativa quanto à estrutura temporal e desenvolvimento de personagens; e análise do contexto de produção e circulação. Esses elementos tradicionais, longe de serem descartados, funcionam como base à qual se acrescentam novos critérios voltados à diversidade de gênero. Forma e conteúdo implicam-se mutuamente, e escolhas estéticas reforçam ou tensionam estruturas de poder (Groensteen, 2015; Barbieri, 2017; Postema, 2018).

Parto, então, dos critérios sugeridos por diversos autores do campo dos estudos de quadrinhos para criar uma tabela que oferece 20 critérios mais inclusivos em relação à diversidade de gênero existente entre artistas e personagens, propondo que eles complementem conceitos já existentes em vez de substituí-los. Isso porque, à luz de Gutiérrez (2013), a ideia de superação de uma teoria em relação à outra, especialmente nas ciências sociais, seria uma herança de um pensamento heterocolonizador que entende que conceitos antagônicos seriam necessariamente excludentes entre si, quando, na verdade, podem ser complementares.

Ou seja, a partir da consideração de Wolk (2007) sobre mudanças gráficas e temáticas ocorridas nos quadrinhos e que demandaram obrigatoriamente novas perspectivas críticas que as contemplassem, o contexto atual, especialmente em relação aos quadrinhos independentes e autorais, também demanda novos critérios de análise que possam contemplar a diversidade

[6] Fridge (Refrigerador): FRIDGE Slang Meaning | Merriam-Webster. Acesso em: 25 jan. 2026.

temática e narrativa existente nesse campo. Nesse sentido, vale destacar que essas sugestões são apenas algumas das 20 apresentadas em minha tese e elas partem de critérios mais narrativos que estéticos, uma vez que grande parte dos critérios estéticos que cito juntamente com outros autores elencados em minha pesquisa irão sofrer maior ou menor influência de um olhar inclusivo em relação a gênero dependendo do letramento estético e de gênero de cada observador:

· **Representação das Mulheres**: Qual é a incidência de *male gaze*? As personagens femininas passariam nos testes de representatividade como o de Bechdel? Se homens cis fossem colocados nas mesmas situações e poses que as mulheres, seria elogioso ou pejorativo? Elas são representadas para além de seus relacionamentos românticos com homens? Seu figurino é coerente com as situações que elas vivenciam?

· **Protagonismo Feminino Proativo**: As mulheres em papel de protagonismo possuem agência sobre suas ações? Seus discursos e representações são coerentes e verossímeis? O arco narrativo da protagonista pode ser observado a partir da estrutura da Jornada da Heroína? Suas ações têm influência nos eventos da trama?

· **Orientação Sexual**: Há fetichização dos corpos? Os relacionamentos duram? Elas são representadas para além dos seus dramas da violência que sofrem?

· **Tropos e Clichês**: As personagens são representadas por meios de tropos machistas excessivamente? Suas narrativas poderiam ser contempladas por estruturas narrativas como a jornada da heroína?

· **Recepção**: Qual é o potencial de identificação de pessoas parecidas com as protagonistas da história? Quais seriam os potenciais leitores e por que essa história seria importante para eles? Qual é o potencial de desenvolvimento de empatia que a história representa entre pessoas que não estão representadas nela? Os elementos apresentados são cativantes e promovem imersão de pessoas variadas? – nesse quesito, apesar da polissemia do termo recepção, a perspectiva aqui utilizada parte da noção de triângulo interpretativo de Umberto Eco (Keske, 2016), em que são tensionadas a intenção do autor, o que o texto diz e o que o leitor infere, ou seja, é considerada a cooperação interpretativa do leitor ideal (ou modelo) com o texto aberto, preenchendo seus interditos por meio do jogo semiótico entre intenção autoral, obra e leitor, limitado pela semiose cultural e enciclopédica.

· **Representação geográfica e social**: Discursos (incluindo sotaques, expressões e ditados populares) e imagens se aproximam dos lugares representados? Essas representações promovem imersão e contato com espaços que não são normalmente retratados nas produções? Essa representação se aplicaria inclusive a obras ficcionais, uma vez que, nenhuma produção é descolada do contexto que foi produzida e estas podem, frequentemente, dizer muito sobre esse contexto ou promover reflexões que subvertam práticas nocivas a determinados grupos , a exemplo de obras como *O conto dos Orixás*, de Hugo Canuto (Ferreira; Giraldi, 2020), cujos personagens se expressam usando termos Yorubás ou na série televisiva *Game*

of Thrones, cujas recorrentes cenas de estupro de mulheres não possuíam, em sua grande maioria, nenhuma função além de atender a um male gaze (Needham, 2017), configurando uma representação social das mulheres que reforça a noção de que elas pertenceriam a uma categoria de segunda classe.

· **Universalidade**: Sentimentos como superação, amor, angústias e outros que são compartilhados por pessoas independentemente de seu gênero, raça, credo e orientação sexual são representados ao longo da narrativa?

· **Coerência Social**: Qual é o lugar social que os autores ocupam em relação aos temas tratados? Se não são representantes dos grupos retratados, realizaram consultoria com pessoas que fazem parte desses grupos?

A implementação sistemática desses critérios transforma o trabalho crítico: o que antes era invisível, como apagamentos ou naturalizações de violência de gênero, passa a ser reconhecido como falha sistêmica, não acaso isolado. A tabela desenvolvida para apoiar análises inclusivas, com critérios que contemplam representação geográfica e social, universalidade de sentimentos, e coerência social quanto ao lugar das pessoas autoras, funciona tanto como instrumento de análise quanto dispositivo de formação crítica.

Entrevistas com críticas, editores e jornalistas brasileiros (Marino, 2025) indicam que muitos profissionais reconhecem a impossibilidade de total imparcialidade, mas nem sempre transformam essa consciência em ação concreta. Porém, experiências de mulheres em posições-chave, como edição, coordenação de sites, participação em júris, demonstram contribuições concretas para ampliar visibilidade de obras diversas. A articulação entre ferramentas conceituais e práticas concretas, por meio da reformulação de regulamentos de prêmios, criação de clubes de leitura temáticos, incorporação de HQs de mulheres em listas de referência, evidencia que crítica inclusiva não é exercício teórico isolado, mas conjunto de práticas capazes de redistribuir visibilidade, prestígio e oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um campo marcado por hierarquias de gênero, raça e classe, práticas críticas não são meramente descritivas, mas políticas. Assim, a presença de perspectivas feministas, queer e decoloniais em posições de crítica é parte de uma longa história de produção teórica frequentemente apagada das narrativas canônicas. Sua consolidação no campo dos quadrinhos tem ocorrido, sobretudo, através de pesquisas acadêmicas e produção online nas últimas décadas. Ou seja, tais constatações implicam reconhecer que a crítica funciona como instância de legitimação com poder real de definir relevância, mérito e universalidade.

Nesse sentido, a urgência em propor novos critérios de análise decorre de imperativo teórico e de necessidade prática para que o campo dos quadrinhos se torne efetivamente mais

justo e plural. A persistência de desigualdades em recepção, premiação e reconhecimento evidencia que transformações formais nas produções, embora significativas, não se desdobram automaticamente em mudanças nos modos de avaliação.

Quadrinhos não são neutros, carregam marcas da sociedade que os produz e circulam. Ao incorporar perspectivas de gênero, a crítica deixa de ser apenas exercício de gosto pessoal para funcionar como cuidado: modo de olhar para as obras e para quem as produz com empatia, rigor e consciência política. Quando mulheres, pessoas trans e não-binárias conquistam maior presença na criação e na crítica, beneficiam-se de trilhas abertas por outras que enfrentaram resistências ainda visíveis. Dar continuidade a essas trilhas significa ampliar as possibilidades de quem vem atrás.

Portanto, a importância do tema amplia-se quando consideramos espaços pedagógicos e de formação. Espaços como clubes de leitura que discutem obras de autoras podem alterar percepções e criar pertencimento em comunidades frequentemente marginalizadas. Sites especializados e produções online têm alcançado públicos que publicações acadêmicas não atingem, democratizando acesso a análises sofisticadas. Essas práticas, ainda que informais em relação a instâncias de legitimação tradicional, operam transformações reais na circulação de conhecimento e na visibilidade de autoras.

Por fim, reconhecer que critérios tradicionais de análise carregam vieses de gênero é reconhecer que suas aplicações produziram hierarquias injustas. Propor novos critérios é propor reparo dessa injustiça, sem descartar a excelência técnica já acumulada, mas reposicionando-a à luz de suas implicações políticas. Assim, a adoção sistemática de tais metodologias incide não apenas em como se lê, mas em quem será lido, reconhecido e celebrado no campo dos quadrinhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. Informação, tecnologia e mediações culturais. **Revista Perspectivas em Ciência da informação**, v. 14, número especial, p. 184-200, 2009.

BARBIERI, Daniele. **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BERKIN, Sarah Corona. **Producción horizontal del conocimiento.** Bielefeld University Press, Alemanha, 2020.

BERTA, Verônica. **Marina**: Expressão. São Paulo: Panini, 2024.

BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena**: representações femininas nas histórias em quadrinhos. 2014. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI:10.11606/T.27.2014.tde-20052014-123753.

BOHANNON, Cat. **Eva**: Como o corpo feminino conduziu 200 milhões de anos de evolução humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. O ponto de vista do autor. Algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural. *In:* BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. O capital herdado e o capital adquirido. *In:* **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, p. 78-82, 2017.

BRAGA JR, Amaro Xavier; SILVA, Valéria Fernandes da (Orgs.) **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos**. Maceió: Edufal, 2015.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech:** A Politics of the Performative. New York: Routledge. 1997.

CAMARGO, Cris. **Ser artista mulher é...** Florianópolis, 2019.

CARNEIRO, Maria Clara da Silva Ramos. Ensaio sobre as diferentes críticas possíveis em relação às histórias em quadrinhos. Proposta de uma crítica sobre o tema. **Revista Antílope**, 10 mar. 2013. Páginas 29-35.

CARVALHO, André Pereira de. O Campo dos Quadrinhos no Brasil sob a ótica Bourdieusiana. **2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo, 2013.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos. **Dissertação de Mestrado**. ECA/USP, São Paulo, 2017. Disponível em: ReP USP - Detalhe do registro: O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos. Acesso em: 15 jun. 2026.

COELHO, Marcelo. **Crítica Cultural**: Teoria e Prática. São Paulo: Publifolha, 2006.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. Unisinos, São Leopoldo, 2020.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Por que não houve grandes mulheres cartunistas no Brasil? Em: MARINO, Dani; MACHADO, Laluña. **Mulheres e Quadrinhos**. Florianópolis: Skript, 2019.

CHU, Andrea Long. **Authoriry:** Essays. Farrar, Straus and Giroux, US, 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol**: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002.

EAGLETON, Terry. **A função da Crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ERIK-MAI, J. Marginalization and exclusion: unraveling systemic bias of classification. **Knowledge Classification**, v. 43, n. 5, 2016. Disponível em: http://jenserikmai.info/Papers/2016_festschrift.pdf. Acesso em: 15 jun. 2026.

EUGÊNIO, Jessica Daminelli. A velha história de quadrinhos de menina: mulheres artistas e o mito da genialidade. 13º Mundos de mulheres e **Fazendo Gênero 11**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499480551_ARQUIVO_Jessica_Daminelli_Texto_completo_MM_FG.pdf. Acesso em: 15 jun. 2026.

FERREIRA, Kassiano; GIRALDI, Patricia Montanari. Decolonialidade Quadrinística e Educação Ambiental: analisando a colonialidade do viver em Contos dos Orixás. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, n. Especial, p. 1-15, 2020.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **Transmutações da jornada heroica**: O épico, o tragicômico e o feminino, v. 6, n. 12, 2022.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, p. 7-23, 2015.

GUTIÉRREZ, Antonio García. La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [*S. l.],* v. 18, n. 4, p. 93-111, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22886. Acesso em: 15 jun. 2026.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Vozes, 2016.

HELVIE, Forrest C. (ed.). **How to analyze & review comics:** A Handbook on Comics Criticism. Edwardsville: Sequart, 2021.

KESKE, Humberto Ivan. Experiências interpretativas: a noção de recepção em Umberto Eco. **LÍBERO**, n. 20, p. 113-122, 2016.

LAGE, Nara Bretas. Aconteceu Comigo: mulheres, narrativas de vida e violências nos quadrinhos de Laura Athayde. **Tese de Doutorado do programa de Estudos de Linguagens**, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MARINO, Daniela dos Santos Domingues. Crítica cultural a partir de uma perspectiva de gênero: representações sociais e processos de legitimação no campo da produção feminina de histórias em quadrinhos. 2025. **Tese (Doutorado em Cultura e Informação)** - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

MARTINEZ, Monica; ARAÚJO, Tamara. Métodos em estruturas narrativas míticas: a jornada da heroína de Maureen Murdock. **Esferas**, v. 1, n. 24, p. 305-325, 2022.

MAYER, Carolina Aires. O protagonismo feminino proativo nas narrativas audiovisuais de ficção científica. **Dissertação de Mestrado** – UFRN. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24753. Acesso em: 15 jun. 2026.

MESSIAS, Carolina Ito. Um Panorama da Produção Feminina de Quadrinhos Publicados na Internet No Brasil. **Dissertação de Mestrado do programa de Ciência da Informação da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2018.

MULVEY, Laura. A Political Use of Psychoanalysis. In: **Visual Pleasure and Narrative Cinema**. Londres, Passgrave, 1989.

MURDOCK, Maureen. ***T*he heroine's journey.** Boulder, Shambhala, 1990.

NEEDHAM, Jessica Kathryn. Visual misogyny: An analysis of female sexual objectification in Game of Thrones. **Femspec**, v. 17, n. 2, p. 3, 2017.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado**. UnB: Brasília, 2007.

OLSON, Hope A.; FOX, Melodie J. Gayatri Chakravorty Spivak: Deconstructionist, Marxist, feminist, postcolonialist. **Critical theory for library and information science**, p. 295, 2010.

PEREZ, Caroline Criado. **Mulheres invisíveis**: O viés dos dados em um mundo projetado para homens. Editora Intrínseca, 2022.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura Narrativa dos quadrinhos**: construindo sentido a partir de fragmentos. SãoPaulo: Peirópolis, 2018.

SIEGHART, Mary Ann. **A Lacuna de Autoridade**. São Paulo: Benvirá, 2022.

SMITH, Mathew J.; DUNCAN, Randy. ***Critical Approach to comics***: Theories and Methods. Routledge, London, 2012.

SMITH, Matthew J.; BROWN, Matthew; DUNCAN, Randy (Ed.). ***More critical approaches to comics:* theories and methods**. Routledge, 2019.

WOLK, Douglas. Reading comics: how graphic novels work and what they mean. Da Capo Press, Cambridge, 2007.

ZENI, Lielson. A tal da crítica e coisa e tal. **Revista Plaf**, nº 6. Pernambuco, 2021.

Sobre o autor:

Daniela dos Santos Domingues Marino

Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo.
https://orcid.org/0000-0002-8713-2254 • dsdomingues@hotmail.com

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro

Lielson Zeni

Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

MARINO, D. S. D. Critérios de análise de histórias em quadrinhos a partir de perspectivas de gênero. **Letras**, v. 74, n. 1, e95240, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95240. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/95240. Acesso em: XX/XX/XXXX